

Contribuciones

Antropologia do trabalho como mote de pesquisa: breve percurso intelectual e afetivo

Cornelia Eckert

Universidad Federal de Río Grande del Sur, Brasil
chicaeckert@gmail.com

Trilhar alguns rastros das memórias de minha trajetória relacionada com a Antropologia do Trabalho para a Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo representa, para mim, um ato de resiliência nesses tempos de desmoronamento de direitos sociais e dilaceração de conquistas trabalhistas¹, adquiridos, no Brasil, com muita luta ao longo do século XX e início do século XXI. Agradeço pela oportunidade de homenagear as comunidades de trabalho que me propiciaram este percurso e desejar vida longa a esta revista.

Início estas memórias citando a comunidade de trabalho que me acolheu- a da Antropologia Social. Realizei uma pesquisa de mestrado sob a orientação de Ruben George Oliven, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Sua forte formação em Antropologia Urbana logo me cativou. Nessa linha de pesquisa, conheci uma rica comunidade interpretativa no país em que se destacam Eunice Durham e Ruth Cardoso: autoras que analisaram e orientaram estudos com foco em grupos trabalhadores das periferias das cidades. Sob estas influências, passei a estudar as condições de

¹ Me refiro a reforma trabalhista (2017) que, segundo demonstrou o artigo “Seis meses de reforma trabalhista: um balanço”, que Euzébio Jorge da Silveira, Ana Luiza Matos Oliveira, precarizou as relações de trabalho e aumentou as desigualdades sociais. In: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580224-seis-meses-de-reforma-trabalhista-um-balanco> Consulta abril 2019.

vida cotidiana de famílias operárias. A coincidência de estar lendo para bel prazer literário a obra *Germinial*, de Émile Zola, relacionando-a às lembranças da leitura de um velho livro de meu pai -*Como era verde o meu vale*, de Richard Llewellyn-, afetaram-me emotivamente, levando-me a pesquisar sobre a comunidade de trabalho dos mineiros de carvão no Rio Grande do Sul. Amparada por uma ex-colega do curso de História, que residia em uma cidade de mineração do carvão, Charqueadas (RS), optei por este microuniverso. Para elaborar o problema de pesquisa, segui como orientação teórico-conceitual *O Vapor do Diabo*, de José Sérgio Leite Lopes e de *O processo de trabalho como dominação: um estudo de caso* de Bila Sorj, pelo aprendizado obtido com sua leitura. O eixo teórico de interpretação eu o encontrara na obra de Pierre Bourdieu, em especial em seu esforço de complexificar o conceito de representação e o de *habitus*, e na gigante obra da antropologia simbólica, da qual, para não me alongar, limito-me a citar Marcel Mauss.

Foram dois anos de trabalho de campo na região carbonífera na cidade de Charqueadas e na de Arroio dos Ratos. A primeira, em plena efervescência de produção do carvão em mina de subsolo por capital privado; a segunda, vivendo o declínio dos tempos hegemônicos da exploração de capital inglês, que havia instalado um sistema de vila operária nos moldes tradicionais de exploração, agora em ruínas. Do estudo etnográfico, consentido pelas famílias de trabalhadores que me acolheram em seu cotidiano, resultou a dissertação, defendida em 1985, com o título: *Os homens da mina: um estudo das representações e condições de vida dos mineiros de carvão de Charqueadas/RS*. Embora não tenha sido publicada na íntegra, foi divulgada na forma de artigos, um dos quais premiado em concurso promovido pela Associação Internacional de Sociologia em 1991.

A oportunidade de desenvolver estudos na França via projeto Capes-Cofecub permitiu continuar estes questionamentos, agora em contexto francês, em La Grand-Combe, pequena cidade de Cévennes, fundada no século XIX para explorar o carvão. Após o *boom* produtivo de recuperação do tempo das guerras mundiais, os anos 80 foram de substituição desta energia pela do petróleo, dentre outras, processo que, provocando o fechamento das minas de subsolo e a desindustrialização de métodos tradicionais de mineração na França, levou a pequena cidade industrial a passar por uma crise econômica irreversível. A experiência etnográfica ao longo de três anos nesta cidade - abatida, envelhecida, abandonada e vetusta - foi de convivência intensa com os velhos mineiros, seus familiares e os poucos jovens que continuaram com seus pais, em geral desempregados. Isto porque a grande maioria da população ativa partiu para outras regiões, seguindo projetos de remanejamento e em busca de oportunidades de trabalho. Trato desta condição a partir da problematização

dos ritmos temporais pensados e vividos, inspirada na obra de Gaston Bachelard e na memória narrada dos velhos e velhas da comunidade de trabalho na mineração do carvão.

Seguindo as reflexões sobre a teoria da hierarquia e a análise do holismo/individualismo propostos nas obras de Louis Dumont (1972, 1982) e retomadas por Luiz Fernando Dias Duarte (1986), adotei uma perspectiva situacional e relacional. Compreendi os jogos da memória dos velhos mineiros, ou de seus familiares, como uma identidade-narrativa englobada pela do valor-trabalho. Trata-se de uma comunidade ritmada pela resistência à morte da profissão. Situação que a leva a organizar um museu do trabalho e a reinventar processos de continuidade em que se destacam os programas sociais voltados à promoção de formas lúdicas de sociabilidade para a terceira idade e de políticas de bem-estar para os remanescentes.

Com base nesta pesquisa, a tese intitula-se *Une ville autrefois minière: La Grand-Combe– France. Etude d'Anthropologie Sociale*, de 1992, orientada por Jacques Gutwirth e Anthoine Prost. Destaco, aqui, o terceiro tomo, elaborado com imagens. Esta tese só foi publicada em 2012, sob o título *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*.

As mudanças políticas em torno da exploração industrial nos anos 80 já anunciavam as novas estratégias econômicas - de Estado e sociais. No Brasil, como no mundo todo, a questão ambiental era amplamente discutida. Em meu retorno ao país, logo me inseri em um projeto interdisciplinar intitulado *Energia e Meio Ambiente: a questão do Carvão no Rio Grande do Sul*, parte do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) em Ciências Ambientais (Ciamb) sobre o impacto ecológico da mineração. Nesse projeto, coube-me orientar e coorientar dissertações e teses no Centro de Ecologia na UFRGS, bem como participar com cinco capítulos da publicação da coletânea *Carvão e Meio Ambiente (Padct/Ciamb)*.

Ao mesmo tempo, atuava no Departamento e no Pós-Graduação em Antropologia, ao qual pertencem. O tema Antropologia do Trabalho foi sistematicamente desenvolvido em dois núcleos, sob minha coordenação, no Núcleo de Antropologia Visual e no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), No BIEV em parceria com a colega antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha. Juntas, desenvolvemos um projeto integrado (financiado pelo CNPq e pela Fapergs, com apoio da Capes e da UFRGS), tendo por motivação articular as categorias do trabalho e do ambiente em um estudo da memória coletiva na cidade de Porto Alegre. Tendo por referências principais a obra

Dialética da Duração, de Gaston Bachelard, e o método de convergência, da obra de Gilbert Durand, desenvolvemos um banco de imagens que reúne fotografias, sons, vídeos e textos que resultam de pesquisas etnográficas.

No âmbito do Biev, o tema do trabalho teve destaque em projeto que coordenei de 2009 a 2014, intitulado *Trabalho e Cidade: Antropologia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea*. Financiado pela Capes, incluiu bolsas de pós-doutoramento para tratar da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea, tendo em vista os processos de transformação das relações de trabalho, o desaparecimento de determinadas profissões e práticas de trabalho, as crises de emprego e a extinção de empresas, além de processos de urbanização, modernização e inovação tecnológica das cidades movidas pela dinâmica do mundo do trabalho.

Os resultados deste projeto foram reunidos em ambiente web no site <https://www.ufrgs.br/biev/>. Estas produções estão disponíveis na forma de DVDs interativos, montadas com base nas coleções etnográficas produzidas pelos pesquisadores, e por eles disponibilizadas no Portal *Memória do Trabalho*.

Essa memória do trabalho - como categoria chave de nossos estudos para colocar em alto-relevo as descontinuidades temporais nas experiências do vivido cotidiano — não cessa de motivar novas pesquisas de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado, projetos de pós-doutorado, documentários, etnografias sonoras, coleções etnográficas de imagens, exposições fotográficas, revistas temáticas organizadas (como as revistas *Horizontes Antropológicos*, *Iluminuras*, *Fotocronografia*) e coletâneas (como *Etnografias do Trabalho, narrativas do Tempo*- 2015) -, que reúnem estudos sobre ambulantes, empregadas domésticas, barbeiros, feirantes, operários da construção naval ou do porto, despachantes, prostitutas, comerciantes, vendedores, ferroviários, habitantes das vilas operárias, e outros.

Vinculada aos estudos nessa linha de pesquisa, importa dar visibilidade às comunidades de trabalho, às redes sociais de interação e reciprocidade das atividades urbanas. Importa dar voz às narradoras e aos narradores de experiências e práticas de trabalho, e colocar em alto-relevo seus saberes e fazeres, ritmados pelo tempo do valor-trabalho.

Referências

Bachelard, G. (1989 [1950]). *La dialectique de la durée*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France.

- Bourdieu, P. (1972). *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève: Droz.
- Cardoso, R. (1972). Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. Tese Doutorado Antropologia Social, USP. Orientador: Eunice Ribeiro Durham.
- Centro De Ecologia (2000). *Carvão e Meio Ambiente* (Padct/Ciamb). Porto Alegre: Universidade, UFRGS.
- Dias Duarte, L.F. (1986). *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Cnpq.
- Dumont, L. (1983). *Essais sur l'individualisme*. Paris: Seuil.
- Dumont, L. (1972). *Homo Hierarchicus*. Londres: Palladin.
- Durand, G. (1980). *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. Paris: Bordas.
- Durham, E. e Cardoso, R. (1973). “A investigação antropológica em áreas urbanas”. *Revista de Cultura Vozes* LXVII (2), 49-54.
- Durham, E. (1973). *A Caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva.
- Eckert, C. e Rocha, A.L.C. da (Org.) (2015). *Etnografias do Trabalho, narrativas do tempo*. Porto Alegre: Marcavizual.
- Eckert, C. (2012). *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba: Appris.
- Leite Lopes, J.S. (1978). *O vapor do diabo. O trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Mauss, M. (1966). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify.
- Oliven, R. G. (1985). *A Antropologia dos Grupos Urbanos*. Petropolis: Vozes.
- Sorj, B. (1981). *O processo de trabalho como dominação: um estudo de caso no Trabalho e Cultura no Brasil*, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais / CNPq, 73-98.